

Exame Final Nacional de Português

Prova 639 | 1.^a Fase | Ensino Secundário | 2025

12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho | Decreto-Lei n.º 62/2023, de 25 de julho

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

8 Páginas

VERSÃO 2

A prova inclui 10 itens, devidamente identificados no enunciado, cujas respostas contribuem obrigatoriamente para a classificação final. Dos restantes 5 itens da prova, apenas contribuem para a classificação final os 3 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.

Indique de forma legível a versão da prova.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Escreva, na folha de respostas, o grupo, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

PARTE A

Leia o texto seguinte, constituído pelas estâncias 51 a 53 do Canto IV de *Os Lusíadas*, e as notas.

- Est. 51 «Não foi do Rei Duarte tão ditoso
O tempo que ficou na suma alteza,
Que assi vai alternando o tempo iroso
O bem co mal, o gosto co a tristeza.
- 5 Quem viu sempre um estado deleitoso?
Ou quem viu em Fortuna¹ haver firmeza²?
Pois inda neste Reino e neste Rei
Não usou ela tanto desta lei?
- Est. 52 «Viu ser cativo o santo irmão Fernando³
10 (Que a tão altas empresas aspirava),
Que, por salvar o povo miserando
Cercado, ao Sarraceno⁴ se entregava.
Só por amor da pátria está passando
A vida, de senhora feita escrava,
15 Por não se dar por ele a forte Ceita⁵.
Mais o público bem que o seu respeita.
- Est. 53 «Codro⁶, por que o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida;
Régulo⁷, por que a pátria não perdesse,
20 Quis mais a liberdade ver perdida.
Este, por que se Espanha não temesse,
A cativoiro eterno se convida!
Codro, nem Cúrcio⁸, ouvido por espanto,
Nem os Décios⁹ leais, fizeram tanto.

Luís de Camões, *Os Lusíadas*, edição de A. J. da Costa Pimpão,
5.ª ed., Lisboa, MNE/IC, 2003, pp. 107-108.

NOTAS

¹ *Fortuna* – Destino; Sorte.

² *firmeza* – constância; estabilidade.

³ *Fernando* – D. Fernando (1402-1443) foi capturado pelos mouros durante o cerco de Tânger, em 1437. Como o seu irmão, o rei D. Duarte, recusou a entrega de Ceuta em troca da sua libertação, o Infante acabou por falecer ao fim de anos de cativoiro.

⁴ *Sarraceno* – Mouro.

⁵ *Ceita* – Ceuta.

⁶ *Codro* – último rei de Atenas, que evitou o triunfo dos dórios quando estes invadiram a Ática, entrando disfarçado no campo inimigo e deixando-se matar.

⁷ *Régulo* – cônsul romano que, prisioneiro dos cartagineses, foi por estes enviado a Roma para propor a paz. Heroicamente, aconselhou os romanos a resistirem e voltou a Cartago, onde foi morto.

⁸ *Cúrcio* – romano que se atirou a um abismo existente no Fórum, para, com o sacrifício da sua vida, salvar a pátria.

⁹ *Décios* – ilustres romanos que se sacrificaram pela pátria.

* 1. Refira a opinião do narrador sobre o reinado de D. Duarte, tendo em conta duas ideias expressas na estância 51.

* 2. Releia as estâncias 52 e 53.

Explicite duas características de D. Fernando, fundamentando a sua resposta em informações presentes nas estâncias mencionadas.

3. Complete as afirmações abaixo apresentadas, selecionando a opção adequada a cada espaço.

Na folha de respostas, registre apenas as letras – **a)** e **b)** – e, para cada uma delas, o número que corresponde à opção selecionada.

No texto, estão presentes vários recursos expressivos, frequentemente utilizados em *Os Lusíadas*. Por exemplo, na estância 53, o narrador utiliza como estratégia discursiva o recurso à **a)** , a fim de **b)** .

a)	b)
1. sinestesia	1. provar que as ações de D. Fernando e as de outros heróis enfatizam a efemeridade da vida humana
2. enumeração	2. sobrepor os feitos dos heróis da Antiguidade às ações de D. Fernando
3. apóstrofe	3. reforçar o carácter extraordinário das ações do Infante D. Fernando

PARTE B

Leia o poema e as notas.

D. FERNANDO, INFANTE DE PORTUGAL¹

- Deu-me Deus o seu gládio², por que eu faça
A sua santa guerra.
Sagrou-me seu³ em honra e em desgraça,
Às horas em que um frio vento passa
5 Por sobre a fria terra.
- Pôs-me as mãos sobre os ombros e doirou-me
A fronte⁴ com o olhar;
E esta febre de Além, que me consome,
E este querer grandeza são seu nome
10 Dentro em mim a vibrar.
- E eu vou, e a luz do gládio erguido dá
Em minha face calma.
Cheio de Deus, não temo o que virá,
Pois, venha o que vier, nunca será
15 Maior do que a minha alma.

Fernando Pessoa, *Mensagem e Outros Poemas Sobre Portugal*, edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2014, p. 30.

NOTAS

¹ *D. Fernando, Infante de Portugal* – D. Fernando (1402-1443), irmão do rei D. Duarte.

² *gládio* – espada curta, de dois gumes.

³ *Sagrou-me seu* – Escolheu-me.

⁴ *fronte* – testa.

- * 4. Explique em que medida as ações de Deus transformam o sujeito poético num instrumento da vontade divina.
Na sua resposta, comece por indicar as ações de Deus.

- * 5. Releia os versos de 8 a 15.

Descreva, com base em dois aspetos pertinentes, o estado de espírito do sujeito poético face à vontade divina.

6. As afirmações seguintes referem-se à obra *Mensagem*.

- A. A mitificação de personagens da História de Portugal assume grande relevo na obra, em particular, na primeira parte.
- B. O Sebastianismo constitui um eixo temático fundamental de *Mensagem*.
- C. De um modo geral, os poemas de *Mensagem* são curtos e valorizam aspetos como o ritmo e a rima.
- D. A força anímica dos heróis leva-os a agir, independentemente do esforço exigido.
- E. Constata-se a presença de um apelo aos outros portugueses para que prossigam e concretizem a ambição do sujeito poético.

Identifique as **três** afirmações que podem ser comprovadas através da leitura do poema «D. Fernando, Infante de Portugal».

Escreva, na folha de respostas, o número do item e as três letras que correspondem às afirmações selecionadas.

PARTE C

- * 7. Embora os textos da Parte A e da Parte B incidam sobre o mesmo herói, existem diferenças significativas no modo como a figura de D. Fernando é apresentada.

Escreva uma breve exposição na qual distinga esses textos, no que diz respeito à predominância de características líricas ou épicas.

A sua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema na qual identifique a obra em que predominam características líricas e a obra em que predominam características épicas;
- um desenvolvimento no qual explicita um traço distintivo do discurso lírico e um traço distintivo do discurso épico, fundamentando cada um deles com transcrições pertinentes;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

GRUPO II

Leia o texto e as notas.

O texto constitui um excerto do discurso «O que é amar um País», proferido por D. José Tolentino Mendonça no Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, em 10 de junho de 2020.

É uma bela tradição da nossa República, esta de convidar um cidadão a tomar a palavra neste contexto solene para assim representar a comunidade de concidadãos que somos. É nessa condição, como mais um entre os dez milhões de portugueses, que hoje me dirijo às mulheres e aos homens do meu país, àquelas e àqueles que dia a dia o constroem, suscitam, amam e sonham, que dia a dia encarnam Portugal onde quer que Portugal seja: no território continental ou nas regiões autónomas dos Açores e da Madeira, no espaço físico nacional ou nas extensas redes da nossa diáspora¹. Se interrogássemos cada um, provavelmente responderia que está apenas a cuidar da sua parte – a tratar do seu trabalho, da sua família; a cultivar as suas relações ou o seu território de vizinhança –, mas é importante que se recorde de que, cuidando das múltiplas partes, estamos juntos a edificar o todo. Cada português é uma expressão de Portugal e é chamado a sentir-se responsável por ele. Pois quando arquitetamos uma casa não podemos esquecer que, nesse momento, estamos também a construir a cidade. E quando pomos no mar a nossa embarcação não somos apenas responsáveis por ela, mas pelo inteiro oceano. Ou quando queremos interpretar a árvore não podemos esquecer que ela não viveria sem as raízes.

Pensem no contributo de Camões. Camões não nos deu só o poema. Se quisermos ser precisos, Camões deixou-nos em herança a poesia. Se, à distância destes quase quinhentos anos, continuamos a evocar coletivamente o seu nome, não é apenas porque nos ofereceu, em concreto, o mais extraordinário mapa mental do Portugal do seu tempo, mas também porque iniciou um inteiro povo nessa inultrapassável ciência de navegação interior que é a poesia. A poesia é um guia náutico perpétuo; é um tratado de marinhagem para a experiência oceânica que fazemos da vida; é uma cosmografia da alma. Isso explica, por exemplo, que *Os Lusíadas* sejam, ao mesmo tempo, um livro que nos leva por mar até à Índia, mas nos conduz por terra ainda mais longe: conduz-nos a nós próprios; conduz-nos, com uma lucidez veemente, a representações que nos definem como indivíduos e como nação; faz-nos aportar – e esse é o prodígio da grande literatura – àquela consciência última de nós mesmos, ao quinhão daquelas perguntas fundamentais de cujo confronto um ser humano sobre a terra não se pode isentar.

Se é verdade, como escreveu Wittgenstein, que «os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo», Camões desconfinou Portugal. A quem tivesse dúvidas sobre o papel central da cultura, das artes ou do pensamento na construção de um país, bastaria recordar isso. Camões desconfinou Portugal no século XVI e continua a ser para a nossa época um preclaro² mestre da arte do desconfinamento. Porque desconfinar não é simplesmente ocupar de novo o espaço comunitário, mas é poder, sim, habitá-lo plenamente; poder modelá-lo de forma criativa, com forças e intensidades novas, como um exercício deliberado e comprometido de cidadania. Desconfinar é sentir-se protagonista e participante de um projeto mais amplo e em construção, que a todos diz respeito. É não se conformar com os limites da linguagem, das ideias, dos modelos e do próprio tempo. Numa estação de tetos baixos, Camões é uma inspiração para ousar sonhos grandes.

José Tolentino Mendonça, *O Que É Amar Um País*, Lisboa, Quetzal, pp. 10-13.

NOTAS

¹ *diáspora* – dispersão de um povo ou de uma comunidade no mundo.

² *preclaro* – ilustre.

- * 1. Na primeira parte do discurso, José Tolentino Mendonça dirige-se «às mulheres e aos homens do meu país» (linhas 3 e 4), na medida em que são estes que
- (A) constroem a sociedade como um todo, ao desenvolver a sua ação individual.
 - (B) constituem as «raízes» de Portugal, preservando as tradições da República.
 - (C) constroem relações com o território vizinho, alargando os limites da nação.
 - (D) constituem a pátria, ao ocupar na sua totalidade o território nacional.
2. Na opinião do autor, expressa no segundo parágrafo, a poesia
- (A) é uma herança prodigiosa de Camões, porque nos continua a guiar nas viagens por mar e por terra.
 - (B) tem a capacidade extraordinária de despertar a veia de marinheiro que há dentro de cada português.
 - (C) é uma herança prodigiosa de Camões, porque nos liberta do conhecimento do Portugal quinhentista.
 - (D) tem a capacidade extraordinária de estimular o questionamento e a descoberta de si e do mundo.
- * 3. Ao afirmar que «Camões desconfinou Portugal no século XVI e continua a ser para a nossa época um preclaro mestre da arte do desconfinamento» (linhas 31 e 32), o autor associa ao sentido de «desconfinamento» ideias como
- (A) bem-estar e satisfação pessoal.
 - (B) ousadia e responsabilidade social.
 - (C) conformismo e poder individual.
 - (D) independência e protagonismo político.
- * 4. A única frase em que estão presentes défticos pessoais e temporais é
- (A) «Cada português é uma expressão de Portugal e é chamado a sentir-se responsável por ele.» (linhas 10 e 11).
 - (B) «Desconfinar é sentir-se protagonista e participante de um projeto mais amplo e em construção» (linhas 35 e 36).
 - (C) «A quem tivesse dúvidas sobre o papel central da cultura, das artes ou do pensamento na construção de um país, bastaria recordar isso.» (linhas 29 a 31).
 - (D) «É nessa condição, como mais um entre os dez milhões de portugueses, que hoje me dirijo às mulheres e aos homens do meu país» (linhas 2 a 4).
5. A única oração subordinada substantiva completiva é
- (A) «que nos definem como indivíduos e como nação» (linha 25).
 - (B) «que fazemos da vida» (linha 22).
 - (C) «que ela não viveria sem as raízes» (linhas 14 e 15).
 - (D) «que dia a dia o constroem» (linha 4).
6. Todas as expressões desempenham a função sintática de complemento do nome, **exceto**
- (A) «de nós mesmos» (linha 26).
 - (B) «de forma criativa» (linhas 33 e 34).
 - (C) «de Portugal» (linha 11).
 - (D) «de Camões» (linha 16).

* 7. A frase «A poesia é um guia náutico perpétuo» (linhas 20 e 21) apresenta

- (A) uma situação habitual.
- (B) um valor imperfetivo.
- (C) uma situação genérica.
- (D) um valor perfetivo.

* GRUPO III

Para uns, é o indivíduo que faz a sociedade; para outros, é a sociedade que faz o indivíduo.

Num texto de opinião bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, defenda uma perspetiva pessoal sobre o conteúdo da afirmação.

No seu texto:

- explicita, de forma clara e pertinente, o seu ponto de vista, fundamentando-o em dois argumentos, cada um deles ilustrado com um exemplo significativo;
- utilize um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito);
- formule uma conclusão adequada à argumentação desenvolvida.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2025/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas e cinquenta palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

FIM

COTAÇÕES

As pontuações obtidas nas respostas a estes 10 itens da prova contribuem obrigatoriamente para a classificação final.	Grupo										Subtotal
	I					II				III	
	1.	2.	4.	5.	7.	1.	3.	4.	7.		
Cotação (em pontos)	13	13	13	13	13	13	13	13	13	44	161
Destes 5 itens, contribuem para a classificação final da prova os 3 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.	I		II								Subtotal
	3.	6.	2.	5.	6.						
Cotação (em pontos)	3 × 13 pontos										39
TOTAL											200